

PALPITE INFELIZ: Declarações de O'Neill agravam tensão nos mercados. Juros projetam taxa de 25,43% para janeiro

Dólar bate sexto recorde seguido e fecha a 3,18

Moeda americana chegou a ser negociada a R\$ 3,278. Risco-país atinge 2.164 pontos e C-Bonds despencam

Editoria de Arte

• RIO e SÃO PAULO. A tensão no mercado brasileiro atingiu seu ponto máximo ontem. As declarações do secretário do Tesouro americano, Paul O'Neill, sobre uma nova ajuda financeira ao Brasil e a frustração dos investidores com a demora na assinatura do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) fizeram o dólar alcançar sua mais alta variação em um só dia desde a desvalorização, em 1999. A moeda americana, que atingira R\$ 3 na última sexta-feira, chegou a subir 8,72% — na máxima do dia, bateu R\$ 3,278. Fechou a R\$ 3,180 (venda), com valorização de 5,47%, no sexto recorde consecutivo de cotação no Plano Real.

Os demais indicadores acompanharam o nervosismo do câmbio. O risco-país, principal indicador da confiança do investidor na capacidade de o país honrar seus compromissos, disparou 8,69% e terminou o dia em 2.164 pontos. O C-Bond, o mais negociado título da dívida externa brasileira, caiu 6,09%. No fechamento, era negociado a 52,42% de seu valor de face.

Os juros no mercado futuro também dispararam. Os contratos mais negociados, com vencimento em janeiro do próximo ano, projetavam taxa de 25,43% ao ano, contra 23,11% na sexta-feira passada. A alta chegou a 10% num único dia.

Bovespa chegou a subir 5%, mas cedeu durante a tarde

A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), durante boa parte do dia, pareceu ignorar a derrocada dos demais mercados e operou em alta. Impulsionada por um intenso movimento de compra de ações de telefônicas e exportadoras, a Bovespa subiu quase 5%. Mas o bom desempenho foi quase integralmente devolvido à tarde e a bolsa paulista acabou o dia em alta de 0,25%.

A notícia de que uma missão brasileira embarca hoje para Washington para apressar o acordo com FMI só foi divulgada após o fechamento do mercado. Portanto, não afetou as operações. Tampouco a venda da ração diária de US\$ 50 milhões pelo Banco Central foi suficiente para conter a escalada da moeda.

Alguns analistas atribuem a forte oscilação ao baixo volume de negócios no câmbio. Com o mercado travado, qualquer movimento de compra ou

venda resulta em distorções nos preços. Há ainda dúvidas sobre como o BC pretende intervir no câmbio em agosto, uma vez que a atual cota diária vale somente até o fim deste mês. Só em julho, o BC gastou cerca de US\$ 1,2 bilhão, entre intervenções no mercado à vista e oferta de linhas externas.

— Muita gente está correndo para o dólar. Mas também há investidores aproveitando a tensão para especular, testando até onde o BC vai deixar o câmbio chegar antes de intervir — diz Eduardo Athayde Duarte, diretor de Tesouraria do Banco Prosper.

Em agosto, vence US\$ 1,8 bi em bônus privados

A escassez de dólar no mercado brasileiro está relacionada, primeiramente, à aversão dos investidores externos a riscos, em reação aos escândalos financeiros nos EUA. Também pesa a desconfiança dos agentes em relação ao projeto econômico do próximo governo. Segundo operadores, diariamente estariam sendo remetidos ao exterior de US\$ 60 milhões a US\$ 100 milhões pela chamada conta CC-5, de não-residentes.

Além disso, agosto é um mês de alto volume de vencimento de dívida das empresas privadas no mercado externo. Como não há oferta de crédito para o país, empresas e bancos estão sendo obrigadas a comprar dólares no mercado à vista para quitar seus débitos, em vez de renovarem as operações. O economista Alexandre Maia Correia Lima, da GAP Asset Management, estima que os vencimentos no próximo mês ultrapassam US\$ 1,8 bilhão.

— As pessoas estão tirando dinheiro do país e isso está gerando falta de liquidez no mercado. Acontece que as empresas que precisam comprar dólares para quitar dívidas acabam aceitando pagar um preço alto pela moeda americana, o que gera uma pressão ainda maior sobre o câmbio — diz Marcelo Afonso, gerente de renda variável do BNL Asset.

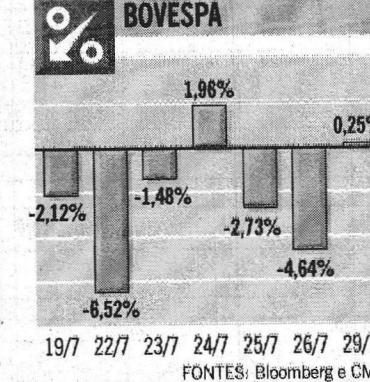
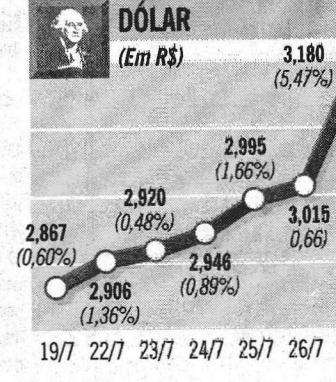
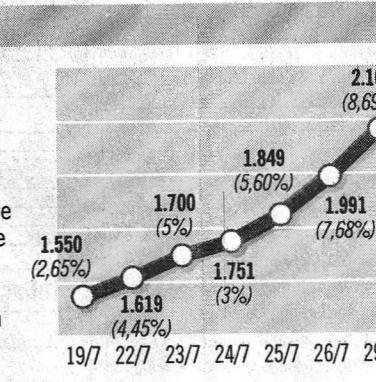
Segundo o economista Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do BC, o cenário adverso é reforçado pelo excesso de reais em poder dos bancos pela entrada em vigor do Sistema Brasileiro de Pagamento (SBP). O novo sistema liberou, pelo menos, R\$ 23 bilhões para outras operações. ■

O nervosismo em números



RISCO-BRASIL

Indicador em pontos centesimais que mede a confiança do investidor estrangeiro no Brasil. 2.164 pontos significam que o governo brasileiro tem que pagar aos detentores de títulos da dívida externa 21,64 pontos percentuais a mais que a taxa paga pelo Tesouro americano.



FONTE: Bloomberg e CMA